

# AS CHAGAS

## Brida

*Desposos-vos meu Criador e Salvador, desposos-Vos. Conservai intacta minha fé, para que um dia possa eu celebrar convosco as bodas eternas.* (Santa Catarina de Siena)

Aqui sangram meus olhos, mãos e pés  
marcados como os Vossos. No abandono,  
chamais-me com brandura, e eu Vos desposo  
aos sete anos setenta vezes sete.

Que esse sangue me inunda, reme, unge,  
e os demônios crocitam, ungueados,  
e urdem planos vis naquela tumba  
em que já enterrei desejos da carne.

Não quero para mim o amor de homem,  
tão precário se mostra, no interesse  
de um corpo perecível e padecente –  
não, não é orgulho – e a cobiça é louca!

A traição se faz de muito amar,  
e isto é o amor, dolorida é esta essência,  
um eterno trair, por não tomar  
do amado, a posse externa, contingente,

prazeroso sim, que Deus assim o quis,  
belo e bom a Seus olhos. Vê o ser:

em seu caminho tem o dom magnífico  
de unir o corpo à alma em casamento

...deixá-lo, por saber de outro amor –  
este, o dos tabernáculos da dor:  
deslumbrante harmonia me seduz  
alegria de amar em plena luz

dentro da a alma sedenta do Infinito.  
Já dispensei de Lúcifer o convite,  
deserto ardente em que me vi proscrita,  
rejeitada por todos na família.

Contudo. Em novéis águas ancorar,  
escutando as mensagens em erma noite  
de mãos em concha nos ouvidos cálidos –  
nos ritos de passagem, sem pernoite,

pois a vigília é clara, e as orações,  
apascentam este espírito em canções  
nessas palavras com sabor de hóstia,  
e serpentes fluindo em minha história.

Oh, sim, as garatujas infantis,  
polida superfície, aquela, eu vejo  
ilesa nos canteiros de jacintos,  
nas margens e no sangue das abelhas,

e o dentro dos rochedos, na fissura  
este vinho escarlate, este momento  
é mineral, eu sei e agora, rígido –

este carvão nas horas de tormento

amainado no pão da Eucaristia.

Oh, delícia maior, ó vida grata,  
tua antevisão entra na vida e cria  
os caminhos do amor em cada estrada.

.....

Dentro de ti tens feras, animália  
que é venenífera. Mentor de bestas,  
o horto de tua alma está envenenado  
de improbidades vis, traições, malfeitos.

Ó miserável, aonde tu chegaste,  
enfermo e vão, a compleição em chagas,  
sem todavia ter vivido a Cruz –  
vestido e apavesado, mas sem a luz

que de cima te invade, e não percebes.  
Tu denegraste a glória do teu Pai,  
fora dos jardins santos de tua igreja  
tal qual uma prostituta que se vai

sem honra e sem pudor, deleite ou paz.  
E nunca te envergonhas, nunca cessas,  
nessa bazófia estranha e alvarinha  
bandoleiro e embusteiro incorrigível.

Os porcos atiraram-se nas águas,  
penetrados da fúria do execrado –  
destino malogrado dos doentes

de poder e de glória, os quais dispenso.

Espírito sem luz, tu perambulas  
em florestas de urzes, a ferir-te,  
pois permitiste ao demo o entranhar-te,  
e te enleias à imagem que não exclus.

Tu já morreste, e quedas morto-vivo,  
tal vampiro, estuário de pavores,  
esquecido de ti, hostil a ti  
pela concupiscência por seu dolo.

Muita cal nos sepulcros violados  
em festins do demônio, esse audaz,  
esse profanador de tantas almas  
ignorantes do torvo lupanar.

*Vade retro Satana*, eu te conjuro,  
pelo Pai, pelo Filho e o Santo Espírito!  
Foi-me dado o poder de ver a injúria,  
porque descortinei obras do impuro

em minha vida exposta, a mim, banida,  
quando este corpo foi-se do calcário  
de que somos moldados, e essa lápide  
do corpo amortalhando a alma transida.

.....

Prostro-me ao chão, não mais irei comer,  
nem beberei mais nada : o corpo falha  
se demasiado vai-se em vãos manjares:

Ele, somente Ele é meu alimento

no pão da vida, ó santa Eucaristia,  
ó sacramento grato para o espírito  
abrigado no seio de quem guia,  
à Santa Madre Igreja, seus caminhos.

Pare este tempo, agora, somos carne  
e sangue e nervo e transe, pois nos tange  
um sentir invadido de relógios  
num só carpir de fogo, em necrológio.

Se eu vier a morrer, aos trinta e sete,  
sabeis que é de paixão a minha morte,  
paixão por esta Igreja que nos pede  
um sim, noiva de Cristo, seu consorte.

Este sangue minando das feridas  
no corpo padecente, narram a vida  
de uma pobre mulher cuja beleza  
despediu-se da vasta cabeleira

que lhe cobria os ombros, dorso e pés.  
Queriam-na rendida a um estrangeiro.  
Já predestinada, alma flamejante  
às bodas consumadas para o céu

celebradas bem cedo, sem retorno,  
na solidão do quarto da menina,  
sem platéia e sem palmas, pura entrega  
ao sempiterno Amado, ao doce Esposo.

Deste lado direito sangra o flanco,  
os lábios já gretados na agonia  
de sede portentosa, e é vinagre  
o que oferecem à boca consumida.

Um sol abrasador castiga o cenho,  
pende a cabeça augusta, soberana,  
há um gemido de dor, tudo estremece  
penetrado de luz, e estertora um deus

e descobrem-se neves nesses sóis,  
e revelam-se gelos nessas chamas,  
e o desejo despido, sem tocar,  
só o pensamento alado, inda mortal.

.....

Eu, Catarina, só e analfabeta,  
dito a minha sina de dentro da cela:  
já estou só voz, vejo só luz, sou só  
expectação em corpo de donzela.

Quero, sim, a palavra que murmura,  
achada no fulgor do pensamento  
e no bater das cordas, paixão pura,  
aliviando chagas e tormentos.

Essa palavra extrema é minha carne,  
aqui é minha casa e minha cama,  
daqui eu vos aceno, só enquanto  
a casca desta alma não se quebra.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/as-chagas>